

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assinatura é de 24\$000 por série de 52 números, e de 12\$000 por série de 26 números.—Para os Estados 26\$000 e 13\$000.—Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

DR. CANDIDO BARATA RIBEIRO	Paulo Augusto.
SUBJECTIVISMO	Alfredo de Magalhães.
CHRONICA FLUMINENSE . . .	A.
VITA NUOVA	Fricinal Vassico.
O EXILADO	Ad. Caminha.
IMPRESSÕES DE THEATRO . .	A. A.
A PROPOSITO DE UM MORTO	Cosimo.
PLATONICO.	Arthur Andrade.
O FIASCO	A. Gasparoni.
VOZ DE SEREIA	Alberto Souza.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do
CAPITÃO-TENENTE JOSÉ CARLOS DECARVALHO

CONCURSO POETICO

A redacção do *Album* resolve pôr em concurso a traducção, em versos portuguezes, do celebre soneto de Joséphin Souлары, *Rêves ambitieux*, que abaixo reproduzimos.

Cada traducção deve vir em carta fechada, trazendo como assignatura um pseudonymo desconhecido, e acompanhando uma sobrecarta que contenha o verdadeiro nome do traductor. Essa sobrecarta só será aberta pelos membros do jury, depois do respectivo julgamento.

Não se admittem traducções anonymas.

Cada um dos traductores indicará, ao lado da traducção, o nome de um poeta residente nesta capital; o jury será constituído pelos tres poetas cujos nomes forem indicados o maior numero de vezes.

Todas as traducções recebidas serão insertas no nosso n. 24, que apparecerá em Junho proximo. A decisão do jury, o soneto premiado e o nome do traductor serão publicados no numero seguinte.

Consistirá o premio n'uma assignatura permanente do *Album*. O premiado receberá de uma vez

todos os numeros já publicados e periodicamente todos quantos se publicarem d'ali por diante, seja qual for a duração do *Album*.

Eis o soneto :

RÊVES AMBITIEUX

Si j'avais un arpent de sol : mont, val ou plaine,
J'y voudrais un peu d'eau : torrent, source ou ruisseau ;
J'y planterais un arbre : olivier, saule ou frêne ;
J'y construirais un toit : chaume, tuile ou roseau.

Sur cet arbre un doux nid : gramen, duvet ou laine,
Retiendrai un chanteur : pinson, merle ou moineau ;
Sous mon toit un doux lit : hamac, natte ou berceau,
Retiendrait une enfant : blonde, brune ou châtaine.

Je ne veux qu'un arpent ; pour le mesurer mieux,
Je dirais à l'enfant la plus belle à mes yeux :
Tiens toi debout devant le soleil qui se lève ;

Aussi loin que ton ombre ira sur le gazon,
Aussi loin je voudrai borner mon horizon :
Tout bonheur, que la main n'atteint pas, est un rêve !

JOSÉPHIN SOULARY.

Nota importante :

O soneto deve conservar, traduzido, a fórma caprichosa que lhe deu o poeta, apresentando, como no original, tres vocabulos connexos em cada um dos segundos hemistichios dos oito primeiros versos. Essa condição é indeclinavel.

Os traductores podem remetter os seus trabalhos á direcção do *Album*, rua dos Ourives n. 7.

DR. CANDIDO BARATA RIBEIRO

Este notavel cidadão, Prefeito do Districto Federal, nasceu, de paes obscuros e pauperrimos, aos 11 de março de 1845.

Aos trese annos de idade, tomado sob a protecção de Frei Bento da Trindade Cortez, encetou a sua educação litteraria no mosteiro de São Bento,

onde fez brilhante figura, alcançando medalhas de honra e approvações com louvor em todo o curso de preparatorios. Começou então a viver de leccionar meninos. Os seus minguados recursos não lhe permitiram realizar o desejo, que o possuia, de estudar direito em Pernambuco ou São Paulo; mas o já citado Frei Bento, seduzido pela intelligencia, pelas aptidões e pela energia do moço, tomou-o de novo sob a sua protecção, e Barata Ribeiro conseguiu, ainda assim com muito sacrificio, matricular-se na Faculdade de Medicina, e fazer-se medico.

Logo depois de formado, partio para São Paulo, e foi clininar em Campinas, onde, em 1868, se alistou nas fileiras do embryonario partido republicano. O celebre manifesto de 1870 já o encontrou militando valorosamente em defesa da Republica.

A extraordinaria actividade do seu espirito não foi completamente absorvida pela sciencia e pela politica; as lettras preocupavam-no tambem; a instrucção publica tinha em Barata Ribeiro um servidor cheio de abnegação e desvelos; elle fundou sozinho a escola Corrêa de Mello, e foi um dos creadores da Sociedade Propagadora da Instrucção, onde, com sacrificio de sua clinica, ensinou durante muito tempo, gratuitamente, ás classes pobres.

Em litteratura a sua paixão é, ou foi, o theatro. Todos se lembram do *Segredo do lar*, bonita peça de propaganda abolicionista, que foi ha alguns annos representada no theatro Lucinda por uma das companhias dramaticas organisadas e dirigidas por Furtado Coelho. Além d'esse drama, escreveu o *Soldado brasileiro*, em collaboração com Ubaldino do Amaral, o *Divorcio*, a *Mucama*, o *Anjo do lar* e *Mulheres que morrem*. Este ultimo lhe valeu uma carta elogiosa do grande tragico Giovanni Emmanuel.

Barata Ribeiro separou-se do partido republicano de São Paulo quando este riscou da sua bandeira a ideia da Abolição. Ao lado de Luiz Gama e de Americo de Campos, foi o autor do *Segredo do lar* um dos primeiros que alli se levantaram contra a escravidão.

Transferido para esta capital, Barata Ribeiro continuou aqui a sua gloriosa campanha em prol da Liberdade, escrevendo, fundando clubs, fazendo conferencias publicas, desenvolvendo, emfim, uma actividade de corpo e de espirito verdadeiramente excepcional.

Em 1883 fez concurso, na Faculdade de Medicina, para a cadeira de clinica de molestias de crianças; foi classificado em primeiro lugar, e nomeado lente cathedratico.

Medico, deu sempre, quer como professor, quer como clinico, irrecusaveis provas de seu talento e saber. E' elle o autor do famoso relatorio sobre a questão Castro Malta, um primor de litteratura medico-legal. Foi elle o primeiro que no Brasil praticou a difficillima operação da ligação da arteria vertebral.

São proverbias os seus sentimentos humanitarios. Durante a primeira epidemia da variola em São Paulo, quando todos os medicos recusavam o logar de director do lazareto, o Dr. Barata Ribeiro aceitou esse cargo sem aceitar os respectivos honorarios, nem a medalha que lhe foi conferida no fim da epidemia. E' um medico de pobres.

Proclamada a Republica, para a qual concorreu Barata Ribeiro com grande somma de trabalhos e sacrificios; elle protestou contra a inclusão do seu nome na chapa de deputados, e quando sem protestos se dissolveu o partido republicano historico, foi ainda elle que, em 17 de Novembro de 1890, levantou na imprensa este brado como «o tributo de uma adoração quasi fetichista pela Republica:»

«O problema da organização politica da Nação impõe-se hoje aos brasileiros sob o mesmo aspecto pelo qual se apresentou no regimen monarchico: submissão passiva ao poder centralizado, tendo como instrumento a falta de liberdade eleitoral, ou a reacção em favor do regimen federal, como garantias individuaes e sociaes. Campeia, portanto, ainda hoje, desfraldada á luz da rasão, da justiça e da sciencia a mesma bandeira que guiou os revolucionarios de 15 de Novembro, e que deve guiar os patriotas sinceros na orientação do futuro: — Federação ou Revolução!»

Patriota ardente, espirito culto, character immaculado, puritano da honra, chefe de familia modelo, cidadão operoso cuja divisa é *Nunca parar*, filho de si mesmo, irrequieto, nervoso, agitado pelo desejo de acertar, energico até parecer violento e arbitrario sem o ser,—o Dr. Candido Barata Ribeiro desempenha dignamente as elevadas e espinhosas funcções que em boa hora lhe foram confiadas pelo Vice-Presidente da Republica.

PAULO AUGUSTO.

SUBJECTIVISMO

Tedio! ultima ambição do espirito cançado,
Como a noite ao bandido esconde-me em teu seio!
Bem unico em que eu creio,
Do naufrago do sonho o ideal és realizado!

Por sobre mim estende o teu pesado manto,
Me esmague o desalento o coração embora!
Miragem tentadora,
Dá-me de uma saudade o doloroso encanto!

Não me venha insultar da lagrima a ironia!
Só chora quem, cobarde, á maço tendo medo,
Trahe, revela o segredo
Que a dor, a grande louca, incauta lhe confia.

Alheio é sempre ao mundo o alheio soffrimento:
Mar torvo do interesse á flor das vagas, róla
Da compaixão a esmola,
Agindo pelo egoismo, inerme o pensamento.

Do soffrer ruja embora o temporal desfeito,
Impassiveis, de pedra, a frente sempre erguida,
Na luta pela vida
E' fazer para a pena um tumulo no peito.

E nunca o que em nós vae conheça a sociedade.
Sejanos como a esphinge: o olhar duro e vasio,
Tristemente sombrio,
Da Chimera a fitar a insani, a nihilidade!

Desce, pois, na minh'alma a treva pavorosa
De tuas azas de chumbo: envolve-a, e a desolada
Na sensação do Nada
Talvez que ainda julgar se possa venturosa.

ALFREDO DE MAGALHÃES.

CHRONICA FLUMINENSE

No terreno politico a semana offereceria pasto á phantasia inquieta de um fazedor de chronicas. O *Marechal, nós nos encontraremos um dia!* do Sr. Wandenkolk, daria tres columnas de prosa alegre.

E' forçoso convir: o sympathico marinheiro, que eu estimo como um dos nossos mais distinctos generaes, perdeu uma excellente occasião de não pegar na penna. Já lá se foi o tempo em que essas theatrices impressionavam; hoje fazem rir.

O Sr. Wandenkolk é mais respeitavel na solidão e no silencio aonde o relegaram circumstancias que o não aviltam, e onde o abandonaram ingratos, do que entre as « publicações a pedido » do *Jornal do Commercio*, o olhar terrivel, a boca aberta para deixar sahir uma ameaça ridicula, a mão nervosa e tremula nos copos da espada invicta.

*

Com o Sr. Wandenkolk, que ha longos mezes não dava signal de vida, reapareceu tambem o Boato, o famoso Boato, que tão preponderante papel representa na nossa vida politica. Dizem-se as coisas mais absurdas do mundo; falla-se de ministros que conspiram e andam vigiados por agentes de policia, como ha tempos os cidadãos de barba toda e chapéo do Chile; affirma-se que... Mas não quero insistir: as columnas do *Album* estão interdictas á politica; impertinencia é tratar de boatos e conspirações.

*

Tivemos domingo passado um eclipse do sol, cujas peripecias—o termo não é meu— foram relatadas na *Cidade do Rio* pelo Sr. dr. Antão de Vasconcellos.

Este cavalheiro, um dos mais distinctos advogados do nosso fóro, fez-se astrônomo na vespera do eclipse expressamente para poder observá-lo. O que é ter amor á sciencia!

*

Tambem a mim me parece que a ideia de tapar com um andaime o monumento do Rocio foi uma ideia infeliz.

As estatuas são respeitaveis, como os tumulos, e representam, vamos lá, o sentimento de um povo ou, pelo menos, de uma collectividade. Deitem-nas por terra durante uma revolução, mas não as ridiculizem com ripas, bambinellas e sanefas. Se por politica o fizeram, má politica foi.

Por isso, compreendo e applaudo as pesssoas do povo quemoliram o andaime, descobrindo o bronze que ha trinta e tantos annos se ostenta na praça publica, erguido pela gratidão nacional, bem ou mal entendida.

A glorificação de Tiradentes não precisa, para ser completa e absoluta, que se lance o ridiculo sobre a estatua de um homem que tão amigo foi dos brasileiros... e das brasileiras.

*

No obituario d'esta semana figuram dous nomes illustres: o do conselheiro Adolpho Paulo de Oliveira Lisboa, distinctissimo funcionario publico, e o do Dr. José Firminó Vellez, clinico de muita fama, que ha poucos dias passára pelo desgosto de perder um filho, o Dr. Eduardo Vellez.

A.

VITA NUOVA

Da loira Chloris no gazil recinto
Ora penetro, cauteloso e tardo,
E a mesma fé, e o mesmo culto guardo,
D'esse que, ás vezes, nas egrejas sinto.

E' que inda alli te vejo e te presinto
Em cada flor: no carmezin do cardo;
No perfume suavissimo do nardo;
No lindo caule do gracil jacintho...

Dizem que és morta, e que uma sepultura
O teu despojo idolatrado véla,
Pela calma das noites silenciosas ..

Não! não morreste, minha noiva pura,
Pois inda vives, como sempre, bella,
No periantho rútilo das rosas!...

FRICINAL VASSICO.

O EXILADO

A J. M. BRIGIDO

I

Havia um anno que Juan Herrera desembarcára na pequena ilha da Sereia, quinze grãos do conti-

nente americano, na costa sul oriental da Patagonia, uma ilha deserta, inacessível quasi, confinando em broncos rochedos ponteados, em luta perpetua com os elementos que ameaçavam por vezes sepultal-a para sempre no abismo tenebroso do oceano.

Vista á distancia, aquella nesga de terra perdida no mar alto fazia o effeito de um grande cetaceo fluctuando á flor d'agoa.

Era alli que Juan Herrera vivia depois que o governo de sua patria o condemnára a exilio perpetuo e solitario por causa de não sei que insurreição politica, levantada contra os poderes publicos do paiz.

E alli estava, e alli arrastava a existencia rudemente, estupidamente, em termos de enlouquecer, mais *Pampero*, soberbo cão de raça, negro como ebano da India, grandes olhos scintillantes e inteligentes. Era o unico amigo que restava ao exilado n'aquella existencia amargurada de Prometheu roido pelo abutre do tedio que não tem cura. Assim mesmo, só, alimentando-se de caça e pesca, roubando os filhos ás aves marinhas que escolhiam para ninho o pincaro das escarpas, e introduzindo-se nas tócas com risco da propria vida, ainda assim tinha forças para lutar contra a cegueira implacavel do destino.

Agoa bebia-a elle crystallina e fresca n'uma piscina proxima.

Pampero amava-o, *Pampero* havia de morrer com elle — eis o seu derradeiro consolo.

II

A' tarde, quando o vénto frio de sueste esfusiava com força, gemendo psalmodias lugubres, e o mar sacudia alto a espuma de suas vagas; quando pouco e pouco se cerravam de sombra os horisontes, e o condor marinho descia das alturas para repousar no concavo dos granitos, Juan, em companhia de *Pampero*, alçava-se ao cume dos rochedos como para contemplar melhor a grandeza imponente que os cercava.

Chegados em cima, Juan sentava-se, parava o olhar sobre as agoas, seguindo o vôo das gaivotas, ou interrogava as nuvens que cortavam o azul vertiginosas e negras ás vezes, como rebanhos de buphalos selvagens. Depois volvia para *Pampero* os olhos rasos de lagrimas...

Vinha a noite, o frio intenso, a neve, e ambos desciam ao albergue taciturnos e somnolentos.

III

Desde que alli se achava Juan Herrera, contára apenas duas velinhas brancas, que passaram no horisonte, ao largo, muito ao largo, como se temessem approximar-se da ilha.

Com effeito os navegantes receiavam essas regiões.

A proposito da ilha da Sereia, corriam muitas lendas phantasticas, entre as quaes sobresahia, por mais curiosa, a que dera nome á ilha.

Narravam marinheiros do Pacifico, gente ousada mas supersticiosa, que n'aquella latitude tinham submergido muitas embarcações attraídas por não sei que voz mysteriosa e irresistivel, sahida do fundo do mar; os navios eram arremessados sobre dunas e alcantis.

E accrescentavam que, á noite, via-se distinctamente uma especie de pharol de luz muito branca e scintillante, como luz electrica, illuminando o semblante lindissimo de uma mulher cujo olhar allucinava. — « E' a Sereia, » affirmavam os marinheiros do Pacifico; e a ilha ficou se chamando da Sereia.

IV

Consentiram a Juan Herrera levar para o exilio provisões em abundancia, roupa, utensilios domesticos, e *Pampero*, o bello cão inglez que não e abandonava nunca.

Se ao menos algum navio desmorteado aportasse á ilha... Mas não. Passou um anno inteiro e passaria outro e outro sem que elle visse viv'alma.

A essa lembrança um desconsolo pungente apoderava-se do hespanhol. Vinham-lhe desejos, soffredos a custo, de morrer, de acabar com aquella existencia inutil, fosse como fosse, atirando-se das rochas ou estrangulando-se... Ao mesmo tempo pensava em *Pampero*. Que seria d'elle, do seu unico amigo? Matal-o seria uma injustiça indigna d'elle Juan. Um cão vale mais ás vezes que um homem e mais não se mata brutalmente, a sangue frio, um animal, um bello animal inoffensivo, um amigo como *Pampero*.

O hespanhol monologava com o cão como se este o entendesse.

— Não é assim, *Pampero*? Seria uma ingratidão sem nome...

E affagava o animal que se erguia sobre as patas trazeiras, as outras sobre os joelhos do exilado, n'um expressivo bolir de orelhas, ganindo feliz como se em verdade tambem quizesse fallar.

O outro beijava-o, suspendia-o ao collo, alisava-lhe o pelle, e *Pampero* tinha movimentos de reconhecimento ao contacto das barbas longas e grisalhas do amigo.

— Não é verdade que és meu amigo, continuava Juan, e que nunca te separarás de mim?

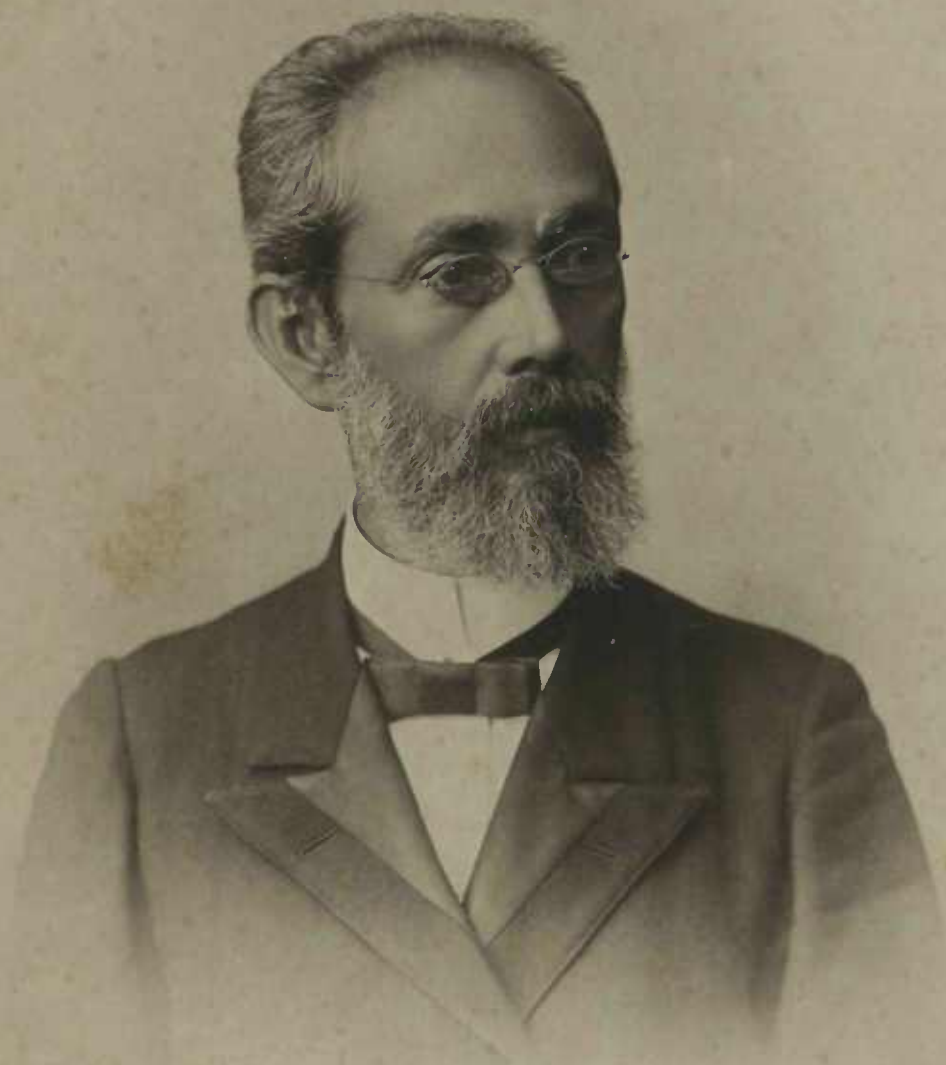
Distrahia-se ás vezes e dizia: — Fala!

O cão gania, lambendo-lhe as mãos, aquellas grandes mãos grossas e sulcadas, mãos de operario, asperas de labor.

— Vem cá! Upa!

Juan suspendia-o ainda mais rosto a rosto. *Pampero* inchava de goso, lambia, elambia sempre, acceleradamente, as mãos, as orelhas, a venta, os olhos e a testa do outro.

Era assim que as ideias más, aves negras do pensamento, abandonavam em debandada o cerebro d'aquelle gigante que se fazia criança.



DR. CANDIDO BARATA RIBEIRO

V

Juan Herrera, bem que de raça latina, era com effeito um gigante. Alto, muito alto mesmo, espatado como um cafre, braços grossos e musculosos. A camisa, aberta na frente em angulo de vertice para baixo, descobria-lhe o thorax robusto e cabeludo. Os olhos castanho-escuros, meio injectados, exprimiam doçura e bondade; mal se lhe via a boca, occulta pela barba cerrada que lhe subia pescoço acima até ao pé das orelhas. Um verdadeiro gigante asselvajado par trezentos e sessenta e cinco dias de solidão e tedio entre o mar, o céu e colossos de granito.

Era assim Juan Herrera, o exilado hespanhol.

VI

Um dia *Pampero* amanheceu triste, mas de uma tristeza que fazia mal a Juan, tristeza de quem vae morrer.

— Que é isso *Pampero*? Queres porventura deixar-me só aqui no meio do mar, n'este deserto?

A um canto do albergue, cosido ao chão, todo recolhido, o olhar profundo e sombrio como o olhar humano quando está para extinguir-se, o cão deixava-se ficar socegado, immovel, n'uma quietação que chegava a metter medo.

— Que terá succedido? pensou Juan abaixando-se para acariciar o animal.

Mas este, sem se mover, mostrou-lhe os dentes, espumando ameaçadoramente.

O hespanhol recuou espantado.

— Era o que faltava!

Os homens roubam-me a liberdade; Deus tira-me *Pampero*.

E uma luz estranha fulgurou no olhar melancolico do exilado. Crisparam-se-lhe as feições. Se fosse tigre, teria soltado um rugido medonho...

VII

Fôra-se a ultima esperanza: *Pampero* agonizava.

Juan quiz affagal-o ainda uma vez, quiz acariciar o dorso luzidio do cão, do seu animal querido, mas d'esta vez *Pampero* conservou-se quieto, immovel ainda, olhos vidrados, dentes cerrados, uma escuma grossa e visguenta escorrendo-lhe da boca: *Pampero* estava morto.

Pela primeira vez durante um anno de exilio Juan Herrera teve um sorriso, mas que sorriso! d'esses que só se veem nas penitenciarias e nos degredos... Quedou-se a olhar fixamente o cão com um gesto aparvalhado na boca entre aberta, braços em cruz, cabeça para o lado. Olhou muito, e murmurou depois n'um tom pausado e lugubre:

— Adeus, *Pampero*, adeus, meu amigo!...

Em seguida sahio, e as aves do mar viram-no desapparecer em silencio, como uma sombra que se esvae entre as penedias da ilha.

VIII

O sol fazia explosão no alto.

Os menores contornos da ilha destacavam nitidamente á luz vibrante que enchia o espaço. Um dia tropical, sem nuvens no azul, sem sombras nas montanhas.

Branquejava no horisonte a vela de uma embarcação que passava ao largo, muito ao largo, imperceptivel quasi...

AD. CAMINHA.

IMPRESSÕES DE THEATRO

A GUIMARAENS PASSOS

Que dramalhão! Um intrigante ousado,
Vendo chegar da Palestina o conde,
Diz-lhe que a pobre da condessa esconde
No seio o fructo de um amor culpado.

Naturalmente o conde fica irado:

— O pae quem é? — pergunta. — Eu! lhe responde
Um pagem que entra. — Um duello! — Sim! Quando? Onde? —
No encontro morre o amante desgraçado.

Folga o intrigante... Porém surge um mano,
E, vendo morto o irmão, perde a cabeça:
Crava um punhal no peito do tyranno!

E' preso o mano, mata-se a condessa,
Endoidece o marido... e cae o panno
Antes que outra catastrophe aconteça.

A. A.

A PROPOSITO DE UM MORTO

Na sua *Chronica fluminense* do n. 15 do *Album*, o nosso collega A refere-se ao fallecimento, em S. Luiz do Maranhão, do velho Ignacio José Ferreira, decano do typographos brasileiros e fundador do *Publicador Maranhense*, folha que appareceu naquella capital em 9 de Julho de 1842 e desappareceu em 2 de Fevereiro de 1886.

Ignacio José Ferreira era o ultimo representante d'aquelle Maranhão litterario que de muito deixou de existir. Até a ultima hora trabalhou heroicamente para salvar o seu querido jornal. Baldados foram os seus esforços; teve que sacrificar o orgulho, como sacrificára a fortuna.

Nos ultimos annos o *Publicador* vivia apenas de seu passado. Mas que passado! O seu primeiro redactor foi João Francisco Lisboa.

Ignacio José Ferreira fez-se o editor espontaneo de tudo quanto esse grande e luminoso vulto das nossas le tras escreveu e deu á luz.

Naquelle tempo, em 1842, o grande prosador que devia, onze annos mais tarde, enriquecer a litteratura brasileira com o seu *Jornal de Timon*, estudo social de primeira ordem, pintura de costumes admiravelmente traçada, profunda lição de historia patria e universal, o grande prosador, iamoz dizendo, em boa hora se divorciára da politica para entregar-se exclusivamente ás lettras

Em 2 de Janeiro de 1838 havia João Lisboa fundado a *Chronica Maranhense*, firmando, logo nos primeiros numeros, a invejavel reputação que o acompanhou até o tumulo e o acompanhará na posteridade. Poucos dias depois, os seus inimigos politicos o indigitavam como principal causador da estúpida revolução conhecida por *Balaída*; eloquentes artigos livraram-no d'essa calunnia tola e miseravel.

Em 1840 Lisboa fizera-se candidato á deputação geral. Ningem mais do que elle prestára serviços á causa liberal, a cujo partido se filiára desde criança. Pois essa candidatura illustre foi traiçoeiramente guerreada pelos proprios chefes do partido!

O famoso jornalista, que era um dos mais elevados caracteres do seu tempo, não articulou uma queixa: suspendeu a publicação do seu periodico, e recolheu-se á vida privada...

Eis algumas palavras, transcriptas do artigo de despedida, artigo que é um exemplo edificante de resignação e cordura:

« O redactor da *Chronica*, João Francisco Lisboa, julga de seu dever declarar que não só tem desistido da sua candidatura á deputação geral mas tambem que se retira do campo da politica, onde ha tantos annos combate, correndo a mesma fortuna que os seus amigos.

« As mais ponderosas considerações o obrigam a este procedimento; outras considerações porém de não menos força o obrigam a adiar as explicações que a tal respeito lhe cumpria dar. Mas ainda que sem estas explicações desde já temos fé que os nossos amigos politicos que no espaço d'estes oito annos nunca nos viram afrouxar, mesmo nos dias mais difficeis, na defeza da causa que ha viamos esposado, não se persuadirão por certo que damos baixa do serviço no momento em que provavelmente ia triumphar essa mesma causa, sem que sejamos impellido a essa resolução, não só por motivos de brio e pundonor, como pelos do mais rigoroso dever. Digamos mais, com a nossa resolução fazemos sacrificios de que bem poucos seriam capazes nas nossas circumstancias.

« Desejamos sinceramente que este nosso procedimento em nada altere a posição dos dous partidos; mas, não querendo já agora obter um só voto para emprego algum, desejamos tambem que só por nosso respeito ninguem se comprometta ou tome o menor incommodo. »

Lidas essas palavras, facilmente se comprehende a pungente ironia com que João Francisco Lisboa escreveu o artigo-programma do *Publicador Maranhense*. Felizmente posso eu dal-o aqui por extenso aos leitores do *Album*. Eil-o:

« Convidado a tomar a redacção deste jornal, julgamos indispensavel dizer alguma coisa em feição de prospecto sobre a direcção que pretendemos dar-lhe.

« Não faltam orgams á politica; os seus odios se envenenam cada dia, e, em falta de logar onde se rasguem novas feridas, os campeões que andam travados na luta revolvem os punhaes nas feridas já abertas.

« Imital-os seria nada fazer para romper a monotonia de taes discussões; a sociedade tem outros interesses que cumpre advogar e satisfazer.

« Em primeiro logar as noticias politicas e commerciaes, tanto nacionaes como estrangeiras, depois a legislação e os actos do governo; e finalmente variedades que instruem, recreando, — eis ahi com que encheremos o quadro d'este jornal.

« A exemplo de todos os jornaes da Europa, extractaremos das columnas dos nossos collegas os artigos que mais interessantes nos parecerem sobre as questões que forem occorrendo, guardando n'isso, como em tudo o mais, uma rigorosa neutralidade entre os diversos partidos. Não só é essa uma das condições da empreza a que nos ligamos, como por outra parte não temos a honra de pertencer-lhes nem pelas nossas convicções, nem pelos nossos interesses. »

Ignacio José Ferreira sobreviveu sete annos ao desapparecimento do seu jornal; sete annos de amarguras, de saudades e de miseria...

COSIMO.

Rodrigo Octavio, o poeta dos *Pampanos* e dos *Poemas e idyllios*, o joven Procurador Seccional da Republica, que tem sabido honrar o nome illustre que lhe deixou seu pae, acaba de publicar um bello volume intitulado *Festas nacionaes*, offerecido á mocidade brasileira « para que aprenda a significação dos dias que a Republica manda guardar ». Raul Pompeia escreveu para esta obra um prefacio vibrante de patriotismo. O livro é primorosamente impresso na casa Leusinger, e editado pelos srs. F. Briguiet & C., proprietarios da Livraria Internacional.

No proximo numero do *Album* publicaremos, a proposito do livro de Rodrigo Octavio, um artigo devido á penna fulgurante e autorizada de Lucio de Mendonça.

PLATONICO

Amo esse orgulho... Mas, porque estremeço
De amor, se elle é desdem, se o seu lampejo
No meu peito das magoas é o começo?
Mysterio! Adoro-a mais, que mais o vejo

No seu porte qual rutilo adereço.
E elle é goso e supplicio ao meu desejo,
Pois todo é um mimo ao seu pallor de gesso,
Pois todo é a causa de eu não ter seu beijo.

Luz! canta! faz-me verme e fal-a estrella!
Diz-me: — «Ella é de outro. Tu não podés tel a.»
E eu, sem tel-a, mais quero-a e me consolo,

Porque esse orgulho que m'a rouba é o guante
Que a faz vaidosa e a força, instante a instante,
Mostrar um bloco do marmoreo collo...

ARTHUR ANDRADE.

O FIASCO

— Parece incrível, meu caro Flavio, que fizesses
tamaulho fiasco! Emfim, póde ser que fosses com
muita séde ao pote e... Enganei-me? Que foi então?
O fiasco está provado; como o explicas?

— E' uma historia que não comprehenderias, se
eu me dêsse ao trabalho de contar-t'a.

— Muito obrigado! Porque?

— Porque havias de chamar-me romantico e piegas. Na vida que levas é impossivel conhecer ou mesmo suppor que se conservem certos sentimentos como reliquias sagradas. O que se passou conmmigo não está ao alcance do teu espirito, que se gastou num meio onde tudo é falso, desde o sorriso até a lagrima, desde o muchocho até o beijo. Rir te-ias da minha aventura, porque na realidade faz rir um desejo vehemente, que se deixa dominar por uma simples lembrança, por um...

— Vamos, meu caro Flavio, tem pena de mim. Sabes quanto sou curioso. Satisfaze este meu incorregivel defeito, e, juro-te pelos poucos cabellos que me restam, não zombarei do teu... fiasco!

— Quero crer na seriedade do teu juramento, em signal de respeito pela tua precoce calvice. Ouve, pois, a verdade. Desde que morreu a minha adorada Adriana, ha, como sabes, anno e meio, conservei-me fiel, absolutamente fiel á sua memoria, como o fóra durante todo o tempo que durou a nossa ligação. Nada me tentava; por mais bella que me parecesse uma mulher, os meus sentidos nada lhe pediam.

— Adiante!

— Um dia, porém, rompeu-se este gelo; senti que a natureza exigia os seus direitos.

— Podéra!...

— Confesso-te que fiquei seriamente embaraçado. Eu estava arredio da sociedade onde os prazeres custam apenas dinheiro; não sabia como arranjar-me; decidi reccorrer a alguns dos meus conhecimentos antigos. Foi assim que encontrando, por acaso, a Gabriella, convidei-a para ceiar conmmigo e aceitar a hospitalidade do meu quarto deserto. Aceitou e aqui vivemos, ella um tanto alegre, devido naturalmente ao champagne, e eu entristecido pela sua alegria de mulher vendida.

— Continúa.

— Quando, sentada no leito, ella me beijava, chamando-me a sua « inolvidavel paixão », não sei porque nem como, os meus olhos, em vez de pousar sobre os seus hombros nus ou sobre o seu alvissimo collo, fixaram-se no retrato da minha adorada Adriana, pendurado á parede. Não sei o que se passou então dentro de mim; mas afirmo-te que tive vergonha de tocar naquelle corpo diante da imagem d'aquella que me mostrára o paraiso na terra. Adriana parecia censurar-me, não com um olhar de colera ou de desprezo, mas como que humilhada pela afronta que eu lhe fazia. Ergui-me, — arrastei Gabriella para o meu gabinete de trabalho, atirei-a sobre o meu divan, e... O resto já tu sabes... Ella tudo te disse, raivosa, enfurecida, mortificada no seu orgulho de mulher formosa.

— Pobre Flavio!

— Nada conseguiu atear de novo as centelha do desejo. Adriana, mesmo morta, não permittio que eu profanasse em labios impuros os beijos que lhe tinham pertencido! Ora ahí tens a historia do meu fiasco.

A. GASPARONI.

VOZ DE SEREIA

A CANDIDO DE CARVALHO

No céo azul — do azul das aquarellas —
Derrama a lua o seu alvor de freira,
Orla as montanhas rigidas e bellas,
Tinge do mar a esbranquiçada esteira.

As ondas crespas sulca passageira
Embarcação de desprendidas vélas.
Feminea voz, com graça feiticeira,
Canções descanta, ingenuas e singelas.

Trovas simples de amor onde palpita
A alma de uma saudade soluçante,
Que labios vos esfolham pelos ares?

Labios finos em face mais bonita,
Talvez de uma sereia fascinante,
Lendaria dona d'estes verdes mares...

ALBERTO SOUSA.

S. Paulo, fevereiro, 1893.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Sim! a natureza physica sentio este impulso a que a sujeitára o aroma penetrante dos pós de Ninon, o mesmo com que a Pariz dissoluta se polvilha a toda a hora. Foi a causa do sorriso que lhe assomou nos labios.

— Estou livre! estou a sós com esta mulher incontestavelmente bella!

Foi o pensamento satanico que lhe atravessou o cerebro. Durou, porém, o instante de um lampejo. A reacção foi prompta e decisiva. A' memoria fallou-lhe a voz sonora e sympathica do coronel Blanco.

Lucio passou pelos olhos a mão, como quem necessitava desviar uma nuvem carregada, electrica, e sentio que lhe echoavam aos ouvidos os ultimos elogios que lhe dirigira em presença do coronel Herrera, seu pae, o marido da mulher que alli estava a sorrir-lhe, talvez criminosa, talvez indigna.

Depois, succederam-se a esta recordação os conselhos de Carrero, seu amigo, homem pratico e por demais conhecedor do coração humano.

— Nunca! — dizia comsigo á medida que se lhe reconstituíam as forças da consciencia honesta. Se Carmen suspeitasse, um instante se quer, de que a esqueci, por minutos, embora não tenha direitos sobre um amor que lhe não confessei, poderia odiar o libertino que sob o mesmo tecto em que se abriga

a sua virgindade, tentasse macular a memoria de seu pae e o nome de seu padrasto.

— Não respondeu á minha pergunta, doutor. Voltará a febre?— interrogou Dolores, como quem desejava reatar o colloquio, indiscreta mas involuntariamente interrompido pela filha.

Lucio hesitou por momentos.

Depois apossou-se d'elle o desespero de se ver alli sacrificado a um papel que lhe repugnava.

— Sejamos francos, Dolores: tudo isto é uma comedia que estamos a representar: eu no meu papel de medico, a senhora no de doente. Afinal nenhum de nós cumpre conscienciosamente a sua missão. Diga-me, supplico-lh'o até: porque razão me expõe a este ridiculo, que maior seria se Carmen o advinhasse ou comprehendesse?

— E que significam as suas palavras?

— Muito, porque significam que o seu incommodo não era bastante para esta encenação apparatusa. Um defluxo não exige tanto.

— Bem! já que o quer, lhe direi tudo: o senhor... ama alguém a quem me ligam os mais intimos laços de parentesco: minha filha.

Lucio fez um gesto como quem desejava responder com alguma consideração negativa. Dolores, sem perder os instantes que a ausencia de Carmen lhe facultava, não deu tempo a que o moço proferisse duas palavras.

— Não me interrompa. Lucio. De que lhe vale esse amor?... Carmem está ainda alheia a todas essas ideias; para casar-se, faltam-lhe criterio e a idade que, em meu parecer, julgo conveniente para dar semelhante passo. Desvança esse sentimento.

Foi um momento solemne o que se seguiu a esta phrase, pronunciada com fogo por aquella mulher, cortezan entre a honestidade e confiança do marido e a virgindade da filha.

O moço não deixou que se seguisse aquella scena. Ergueu-se e como ultimas palavras que entendia dever pronunciar antes de partir:

— Comprehendo, Dolores! — disse em voz baixa, de modo a prevenir em caso de que Carmen se approximasse. O que diz é uma ordem. Em todo caso, ha pensamento premeditado em tudo que acaba de proferir. O que faz objecto do meu sentimento nunca o murmurei sequer em casa do coronel Blanco. Amo Carmen — diz-me. — Não vejo n'isso nem perigo nem mal que minha consciencia a todo o tempo condemne. Nunca o declarei. Carmen não poderia ter ouvido dos meus labios uma declaração de amor. Seria uma declaração falsa, e, mercê de Deus, renego a hypocrisia que paga a amisade. Ha um grande erro em tudo quanto me disse. Cogitando bem o que me póde ir na alma, chego a uma conclusão: não amo, porque ainda aos ouvidos me resoam as bulhas do *Moulin Rouge* e o riso estrepitoso das cortezans mais celebres! Seria possivel que a senhora, Dolores, aceitasse para esposo da sua filha, candida e innocente, o paria do *Bairro Latino*, que sepultava o corpo nas enxergas da devassidão,

e suffocava illusões n'uma atmospheria quente de vicio, gelada de sentimento? Nunca! Não amo! E' por isso, que me parece absurda, extemporanea essa observação que me dirigio. Mas... agora me apercebo de tudo! Suspeitou que existisse esse amor. Sabia os meus antecedentes; quiz prevenir, afastar do paul daminho as azas do anjo; quiz ouvir a verdade e libertar sua filha! Aplaudo-a. Ante o dever de mãe, recuam estranhas pretensões, — as pretensões profanas.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

No Apollo fez-se *réprise* do applaudido *vaudeville* as *Andorinhas*, em que tem um de seus melhores papeis o espiituoso actor Machado.

*

No Sant'Anna voltou á scena o inesgotavel *Surcouf*, fazendo agora o actor Leonardo o papel de Kerbiniou, que até hoje tinha sido desempenhado pelo actor Teixeira. O unico papel do *Surcouf* que conserva ainda a distribuição primitiva é o de *Jacaré*, que, na opinião de muita gente, é o trabalho mais completo do Mattos.

*

Os hespanhões do Polytheama deram-nos as zarzuelas *La tempestad*, *Marina* e *El salto del Pasiego*. Para a Phenix foram outros hespanhões, que se estreiraram com *Los comediantes de antano*. E' muito hespanhol.

*

Os artistas que nos sabbados e domingos trabalham no S. Pedro annunciam, uma representação dos *Tres amores ou o governador de Braga*, drama de Burgain, que fez as delicias dos nossos paes.

*

Nos outros theatros nada de novo: os *Ladrões do mar*, no Recreio, e o *Diabo coxo*, no Variedades, pronunciam-se como dous grandes *successos*. Todo o Rio de Janeiro quer ver o Dias Braga mettido na pelle do capitão Diabo, e a Lopiccolo atravessar o Niagara em bicyclette.

X. Y. Z.